

NA ESTRADA DO FUTURO: A CONSTRUÇÃO DO PAN-AMERICANISMO EM ERNESTO ‘CHE’ GUEVARA

Eduardo Gusmão de Quadros¹

Resumo: Ernesto “Che” Guevara era argentino, se tornou herói da revolução cubana e morreu lutando pelo comunismo na Bolívia. Seu engajamento político surgiu após a viagem empreendida com o amigo Alberto Granado por diversos países da América do Sul. Tomando como fonte básica o diário escrito durante esta viagem, investigamos como o jovem Guevara passou a questionar as fronteiras nacionais e em que parâmetros se fundamentou para imaginar uma unidade latino-americana.

Palavras-chave: Identidade, América Latina, Literatura de viagem.

Abstract: Ernesto “Che” Guevara was born in Argentina, traveled two times through Latin America, he’s made hero of Cuban Revolution and died fighting for communism in Bolivia. His engaged political practice raised for a motorcycle trip with his friend Alberto Granado. Getting the diaries writing for this period as historical source, we investigate how Young Guevara utilizes the bike to guess national frontiers and imagine fundamentals to Latin American unity.

Word-keys: Identity, Latin America, Travel’s literature

INTRODUÇÃO

O tema das fronteiras é um tema candente nas ciências humanas. A palavra parece servir de metáfora para muitos tipos de encontros, e também desencontros, provocados pelos movimentos da globalização. O antropólogo James Clifford sugeriu, inclusive, que não existissem mais limites entre nativos e estrangeiros, pois qualquer lugar poderia ser concebido enquanto local fronteiro (CLIFFORD, 1997, p.19 e 37). O Lugar, nesta concepção, é compreendido não apenas com as referências geográficas, mas inclui, principalmente, o âmbito social e cultural.

Destarte, são nesses encontros e desencontros que as identidades vão sendo solidificadas. Este é outro tema quase onipresente nas investigações atuais na área das Ciências Humanas. Um

¹ Doutor em História pela Universidade de Brasília. Professor da pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e do curso de História da Universidade Estadual de Goiás. Email: eduardo.hgs@hotmail.com

remete tema necessariamente ao outro, pois as identidades demarcam ou relativizam limites, as “linhas” sócio-culturais, que permitem e impedem os intermitentes intercâmbios do eu com os outros. Seguindo Antonio S. Ribeiro, podemos conceber a identidade exatamente como um “efeito de fronteira” (RIBEIRO, 2002, p.479).

Ernesto Guevara partiu de casa, quando tinha vinte e três anos, com uma enorme vontade de cruzar as fronteiras da Argentina. A viagem através do Chile, da Colômbia, do Peru e da Venezuela o transformou radicalmente. Retornou para concluir o curso de medicina e logo encadeou uma terceira viagem, até a América Central, de onde passará para a guerrilha em Cuba. Então, se transformará no “Che” que conhecemos hoje, no símbolo de revolucionário e militante que continua a impressionar a juventude.

Ora, se tal viagem mexeu tanto com sua identidade pessoal, é porque está relacionada com as identificações que foi capaz de construir. Na troca de olhares, no deslumbramento das paisagens, nas conversas entretidas e no espanto com a miséria, um novo “eu” ia sendo plasmado, do mesmo modo que um novo modo de pensar e agir foi sendo constituído. Os limites pessoais ampliaram-se concomitante as frágeis fronteiras políticas dos países. Uma pátria única enquanto continente de explorados começou a emergir como desafio.

Tal processo de passagem para uma visão panamericanista é o que investigamos nesse trabalho. A fonte privilegiada são as *Notas de Viagem* escritas por Ernesto, conservadas no Centro de Estudios Che Guevara em Havana. Elas foram publicadas no início dos anos 90² e alcançaram boa divulgação quando foram transformadas em filme, pelo diretor brasileiro Walter Sales, sob o título *Diários de Motocicleta*.

(Re)Descobrindo o Novo Mundo

Médicos costumam fazer notas. Com isso, buscam registrar o estado em que se encontra o paciente. As informações são, posteriormente, transformadas em indícios de algo maior, em sinais de saúde ou de doença. Elas não valem por si, pois são apenas sintomas. Será que essa prática incentivou a redação das páginas a que, hoje, temos acesso?

² Para este artigo estamos utilizando a edição argentina da obra feita pela Editorial Planeta com o título *Diários de Motocicleta – Notas de un viaje por América Latina*, 2005. A edição brasileira feita pela editora Scritta, intitulada *Primeiras Viagens* (1996) foi cotejada.

Não se trata exatamente de um diário. As anotações foram retrabalhadas, possivelmente para uma publicação que nunca viera à luz. Elas, igualmente, não chegam a ser um conjunto de crônicas, muito menos um romance, pois apresentam diversos trechos incompletos, soltos, sem muita coerência. Parece que foram reescritas a partir de uma fonte original, de notas tomadas de modo esparso no dia-a-dia da viagem³.

Uma coisa é certa, o trabalho de redação iniciado visava sua leitura por outros. As aventuras narradas não são, portanto, memórias pessoais, registros para serem guardados pela família ou uma espécie de autobiografia. O autor inicia alertando aos possíveis leitores que não apresentará “façanhas impressionantes”, mas tratará somente de um curto espaço de tempo onde duas vidas atravessam um continente (GUEVARA, 2005, p.51).

Claro que esse tipo de registro poderia ser feito por qualquer pessoa, assim como as fotografias que se tiram numa viagem. Mas não se trata exatamente disso. Era comum aos exploradores científicos escreverem textos neste formato, e, posteriormente, publicarem seus relatos na Europa. São os conhecidos *livros de viagem* que abundam na América Latina dos séculos XIX e XX. De modo geral, podemos dizer que eles foram redigidos por estrangeiros a partir de uma ideologia colonialista (cf. PRATT, 1999). Seguindo próximo desse modelo, o olhar do médico em formação não busca somente identificar as “doenças” continentais, suas causas e a elaboração de diagnósticos; pretende atingir certa objetividade científica e explicativa, ainda que marcada pela ingenuidade.

Tal abordagem ingênua não advém exatamente da juventude do autor, mas do espírito de aventura que perpassa todo o relato. O percurso planejado é um misto de expedição exploratória com um alto grau de práticas aventureiras. Nesse ponto, nos parece que o gosto do jovem Guevara pela literatura de Julio Verne foi marcante⁴. A viagem, a diversão e a reflexão estão juntas, se revezando intermitentemente nas páginas da obra⁵.

³ Trechos dessas notas foram também transformados em artigos de jornal, como o que aborda as nascentes do rio Amazonas, publicado no periódico *Panamá-América Dominical* em 22 de novembro de 1953, e a parte que descreve Machu-Picchu, publicado no semanário *Siete*, do Panamá, em 12 de dezembro de 1953.

⁴ Em um caderno de leituras feitas na juventude, encontram-se diversas obras de Julio Verne: “A ilha misteriosa (dois tomos), As tribulações de um chinês na China, As aventuras de três russos e três ingleses na África austral, (...) A volta ao mundo em oitenta dias, Cinco Semanas no Globo, A estrela do Sul, Miguel Strogoff, Viagem ao centro da terra, Matias Sandorf (dois tomos), Norte contra Sul, Ante a bandeira, A ilha de... Família sem nome, Vinte mil léguas de viagem submarina, Ao redor da Lua, A agencia Thompson e cia.” (GUEVARA, 2004, p.137). Não podemos garantir que todas as obras foram lidas, só constam os títulos, mas isso demonstra o gosto por esse tipo de literatura.

⁵ Apesar dos mesmos ingredientes, seu conteúdo não deve ser confundido com o dos relatos de viagem como o de KEROUAC (1999), feito na mesma época. A geração *beatnik* tinha objetivos existenciais bem distintos.

Depois de nove meses atravessando várias regiões da América, Ernesto retornou de Miami, nos Estados Unidos, para Buenos Aires. Ele voltou, mas, na verdade, já era outro homem. Em suas próprias palavras, “o personagem que escreveu estas notas morreu ao pisar de novo em terra argentina” (GUEVARA, 2005, P.53). A pequena obra, então, serve para relatar a própria “morte”. A escrita transforma-se em epitáfio. A redação foi feita como um testemunho de *conversão*, porque a viagem foi também uma descoberta do interior. Uma nova pessoa reencontrou o *Novo Mundo*.

Para tal mudança as páginas nos convidam. Como outras narrativas de viagem, a escritura funciona como passagem, como um meio de transposição para as cenas descritas. O autor quer que enxerguemos através de seus olhos, sendo esta a pretensão das histórias contadas. A intencionalidade do texto aponta, conservando o acontecido, para esse futuro multidimensional. Perceber as doenças é o primeiro passo para a cura.

Dois homens, duas rodas

Esse gosto pelas viagens e pela aventura, no jovem Guevara, estão sintonizados com a sede de conhecer. Mas busca-se o conhecimento prático, vivencial, *in loco*. Não basta ler sobre outros lugares. Ele quer vê-los nas faces das pessoas. Ao compartilhar suas alegrias e tristezas, se sentir interpelado.

Então, o impulso para deixar a segurança do lar e dos livros já ocorria. Antes de planejar a longa viagem que aqui analisamos, ele já havia atravessado diversas províncias da Argentina. Deixou um livro de memórias sobre o percurso, que, brincando com o título do filme de Walter Sales, poderíamos apelidar de “Diários da Mobyllete” (GUEVARA, 2004, p.19-28)⁶.

Os registros são bem menos pretensiosos, mas destacamos a coragem do jovem de vinte e um anos, asmático, para partir sozinho em cima de um motociclo, andando numa média de 25 km/h, e às vezes utilizando dos pedais, para uma viagem tão longa. O trajeto foi feito visitando alguns parentes e amigos, inclusive Alberto Granado. Este é o amigo parasitologista que topará fazer a viagem pelo continente latino-americano em sua motocicleta *Norton 500*.

⁶ Esse diário foi publicado postumamente por seu pai no livro “Mi hijo el Che”. Ele viajou cerca de 4 mil e quinhentos quilômetros, por doze províncias da Argentina. Encontramos paralelo somente numa viagem feita na década de vinte “através da América” por C.K. Shepherd e publicada em livro com o título *Across América by Motor-bicycle*. (In: FRANSEN, 2009). Claro que não existe relação direta entre as duas viagens, mas ressaltamos que esses relatos, cada vez mais comuns na época, costumavam ser publicados também nas revistas semanais.

Um evento relatado demonstra que essas viagens para Ernesto não eram apenas uma aventura “sem destino”⁷, pelo simples prazer de viajar ou de andar de moto pelas estradas. Podemos percebê-lo em seu encontro com um rapaz dono de uma linda motocicleta Harley-Davidson “novinha”. Podemos imaginar o contraste entre aqueles dois viajantes e dois meios de transporte. Com a intenção de ajudar, ou por ironia, ele ofereceu a Ernesto uma “carona” puxando sua mobyllete. Em trechos mais difíceis, o nosso autor já tinha feito isso, mas, cuidadoso, resolve perguntar qual a velocidade em que pretendia viajar. “Devagar, o posso levar a uns 80 ou 90 km/h”. Sabendo dos caminhos acidentados e da fragilidade de seu veículo, declinou do convite. Mais tarde, chegando a um posto policial, encontrou a moto bastante avariada. Perguntou sobre o condutor e descobriu que estava morto. O autor, em seguida, comenta:

... saber que um homem vai buscando o perigo sem ter sequer esse vago aspecto heróico que entranha a façanha pública e, na volta de uma curva, morre sem testemunhos, faz surgir esse aventureiro desconhecido como provido de um vago ‘fervor’ suicida (GUEVARA, 2004, p.24).

O heroísmo está atrelado ao público, ou, ao reconhecimento social. O perigo por si mesmo, a velocidade e a sensação particular de aventura não parecem interessar tanto ao jovem Guevara. Suas primeiras viagens foram com uma motocicleta, mas ela representa outros elementos além dos tradicionais “prazer e liberdade”.

Entretanto, como jovem de seu tempo, a utilização desse meio de transporte também não pode ser tratada como um simples detalhe. Desde os finais da segunda grande guerra, a motocicleta foi tomando um significado de rebeldia. Ela deixou de ser apenas um veículo, um meio-de-transporte. Durante a década de cinquenta, o figurino do blusão de couro, adaptado das fardas usadas pela força aérea germânica e britânica, e a calça jeans, roupa de trabalhadores pobres, sintetizarão este emergente espírito juvenil (PHILLIPS, 2005).

Chama a atenção o nome dado para a moto da viagem: *Poderosa*. A Norton 500 era considerada uma ótima motocicleta, de fabricação britânica, e com capacidade cilíndrica

⁷ Fazemos referência ao filme *Easy Rider* (Sem Destino) feito por Denis Lee Rooper em 1969, onde dois amigos atravessam os Estados Unidos em suas motos para “curtir” o carnaval de *New Orleans*. Estudamos a noção de liberdade nesta película em artigo anterior (QUADROS, 2015).

adequada para viagens. Antes de partir, foi feita a revisão mecânica e adequações para o trajeto a ser enfrentado. O grupo fez, então, o seguinte registro fotográfico:



Alberto Granado está do lado da moto e Ernesto Guevara ao centro, ambos com uma espécie de capacete. Fonte: GUEVARA (2004, p.60).

Os protagonistas parecem confiantes e preparados para o destino escolhido (jaqueta, bota e “capacete”). A “poderosa” está colocada como núcleo semântico da imagem, transmitindo certo caráter aventureiro à cena. Se fosse um carro normal, a impressão seria diferente. Portanto, o meio de transporte, de início, impulsionou a articulação dos planos. Eles ficavam imaginando ir “sobre a moto devorando quilômetros na via para o norte” (GUEVARA, 2005, p.54).

Apesar do preparo, a máquina não era tão nova. Com o peso excessivo, possivelmente mal acondicionado, ficou mais difícil a pilotagem e sucederam-se quedas⁸. Logo, a “poderosa” começou a dar problemas mecânicos, além dos repetidos furos que surgiram nos pneus.

O veículo acaba ganhando uma “personalidade” no desenvolvimento narrativo. A moto se “aborrece” ou se “cansa” pelo caminho, “sofre”, tinha o ronco “asmático”, mas ainda era a “casa” deles. A impressão que nos dá é de fragilidade e de pobreza, em franca contradição com o nome

⁸ Somente em um dia, numa estrada difícil e sem asfalto, é verdade, foram três quedas graves e seis tombos leves (Id., p.63).

que lhe fora atribuído. Por fim, a motocicleta “morreu”. Deixaram seu “cadáver” numa garagem, não sem choro (2005, pp. 63, 65, 68, 86, 98, 102 e 125).

A América Latina já fora povoada de “poderosas nações” (2005, p.158). Contudo, ela foi decaindo em sua história, fragilizada pela colonização e a exploração ininterruptas. Talvez a metáfora seja um pouco exagerada, mas o nome dado à motocicleta não aponta para essa capacidade utópica no enfrentamento da realidade, para aquele olhar esperançoso depois cristalizado na famosa imagem de “Che” espalhada pelo mundo? O envolvimento pessoal com o processo de deterioração da “poderosa” parece ser um sinal desta sensibilidade especial em desenvolvimento, de outros que se seguem no relato da viagem.

O santuário violado

Na natureza latino-americana se encontravam grandes riquezas. Viajar de moto, inclusive, muito contribuía para um contato direto com a natureza. Em diversos momentos, a narrativa descreve esse encanto com as belas paisagens encontradas. Claro que tais descrições são comuns na literatura de viagem, remontando, inclusive, aos relatos dos primeiros contatos dos europeus com o continente. Mas aqui podemos encontrar um modo de significação que transcende as fronteiras nacionais.

Ao passar através das regiões dos lagos, no sul da Argentina, os protagonistas admiram os “bosques antiqüíssimos” que os circundavam. Eles encontravam naquelas plagas as “origens”, uma pureza intocada, expressando o desejo de conservar aqueles “espetáculos naturais não manchados pela mão do homem” (2005, p.125).

O olhar descrito no diário é oposto, destarte, ao olhar exploratório e pragmático dos colonizadores. Ambos fizeram da natureza latino-americana um *topos* identitário, mas o sentimento de exuberância em Guevara vem correlacionado com o afastamento da mão humana. Ele demonstra a adesão à sensibilidade moderna, de matiz “ecológica”, próxima daquela inaugurada pelos românticos⁹.

Às vezes, inclusive, encontramos certa espiritualidade nesta admiração, especialmente quando uma paisagem dominada pela água é comentada. O mar, em particular, possui uma forte

⁹ No início do século XIX, afirma Keith Thomas, há uma apreciação intensa da chamada “natureza selvagem”. “Para os românticos, a natureza ‘melhorada’ era a natureza destruída” (THOMAS, 1989, p.315).

magia. Quando Ernesto apresenta-o a seu companheiro Alberto, comenta: “Para mim, o mar foi sempre um confidente, um amigo que absorve tudo que lhe contam, sem revelar nunca um segredo confiado, e que fornece o melhor dos conselhos...” (GUEVARA, 2005, p.111). No infinito das águas marinhas, ocorre um diálogo sem palavras. Há uma sensação de conforto e de paz que, como nos mitos religiosos, remete à busca de uma origem perdida¹⁰.

Foi vendo o mar, por sinal, que o autor afirmou encontrar sua verdadeira vocação: “andar eternamente sobre os mares e caminhos do mundo” (GUEVARA, 2005, p.111). Esse destino errante, como o de um missionário sem causa, não é gerado pela insatisfação infanto-juvenil. Pelo contrário, quando ele estava em um navio, na situação de clandestino, escreveu uma frase enigmática que manifesta a alma contentada com a visão do Pacífico: “a periferia nos basta” (2005, p.111). Uma plenitude advinda do que é sem limite parte dos lugares desprezíveis.

A pureza das origens contrapõe-se à situação de destruição contemporânea, a exemplo da que foi observada nas minas de cobre chilenas. A região de Chuquicamata conserva a beleza das montanhas imponentes, porém foi considerada “sem graça”, “glacial”, de uma “monotonia cinzenta”. Pela exploração da *Chile Exportation Company*, aquele ambiente seco e gélido tornava-se dia-a-dia um “cemitério” (GUEVARA, 2005, p.119). As empresas norte-americanas não se contentam com seu próprio país, precisam vir destruir as belezas de outros. Os grupos nacionalistas chilenos, prevê, não teriam força suficiente para impedir o processo. Continuará “o clima infernal da montanha”, acentuada pela condescendência sul-americana com os *gringos*.

Perto de Bariloche, eles aproveitaram a “paz de santuário” fornecida pelo agreste argentino (GUEVARA, 2005, p.79). Nas minas, a intervenção humana transformou a paisagem em um “inferno”. A exaltação das riquezas e das belezas naturais está acompanhada de uma mensagem do tipo “nos deixem em paz”. Não existe somente a oposição de estrangeiros *versus* naturais – estes também exploravam e deixavam explorar - mas entre a ação humana e a conservação do potencial da natureza. A cultura surgida dos séculos coloniais não tem contribuído para a felicidade dos povos do continente.

A afinidade com o povo

¹⁰ Conforme os estudos de Mircea Eliade, a água nos mitos simboliza a substância primordial, o início e a recriação, é a “matriz de todas as possibilidades de existência” ELIADE (1974, p.222).

E quem seriam esses povos? Nesse ponto, a “morte” da *poderosa* divide a viagem em duas partes. Na primeira, eles são tidos como dois jovens aventureiros, meio descabeçados, viajando para conhecer novas regiões e aperfeiçoar seus conhecimentos. A relação deles com a medicina confere certo destaque, os faz ser bem recebidos, como demonstra a notícia publicada em um jornal chileno. A manchete era: “Dois especialistas em leprologia argentinos percorrem a América do sul com uma motocicleta” (GUEVARA, 2005, p.87). O meio de transporte os referencia impelindo um conjunto de representações, enquanto a formação acadêmica possibilita representações sociais mais elitistas e sérias.

Sem o veículo de duas rodas, a coisa mudou. Eles passaram a depender da boa vontade dos motoristas, utilizaram os meios de transporte comuns ao da gente mais simples. Então, o contato com a população pobre foi bem mais direta e intensa. Os registros passam a tratar da população com muito mais detalhes.

No porto da cidade de Valdivia, ele admira os camponeses chilenos vendendo seus produtos. Compara com o que conhecia da Argentina, onde predominara a influência estrangeira. Em seu país, afirma, não havia mais “algo tipicamente americano” (GUEVARA, 2005, p.87). A escrita guevariana busca, portanto, demarcar o típico como algo puro, original, nesse caso relacionado com as culturas indígenas. Na Argentina, essa matriz identitária teria sido perdida, já que muitos povos foram exterminados na conquista.

A reflexão sobre a identidade mestiça da América Latina não é, todavia, tão presente no *Diário*. Não é o caso aqui de historiar essa característica fundamental da população, mas ela era comumente afirmada, ao menos, desde a época das independências¹¹. No começo do século XX, continuava forte, principalmente através dos intelectuais mexicanos. Se afirmava, até, que desta mistura latino-americana surgiria uma “raça cósmica” (cf. VASCONCELOS, 1983).

A idéia de José Vasconcelos é interessante porque o intelectual partiu do ideário racial e positivista, para depois questioná-lo. Ele criticou qualquer pureza, mesmo a indígena¹². Pela formação médica, o jovem Guevara, semelhantemente, apresentou as marcas da visão racial da

¹¹ Simon Bolívar afirmou na mensagem ao congresso de Angostura, em 1819: “É impossível estabelecer com propriedade a que família humana pertencemos. A maior parte da população indígena foi aniquilada; o europeu tem se misturado com o americano e o africano e este com o índio e o europeu. Nascidos todos no seio da mesma mãe, nossos pais, diferentes na origem e no sangue, são estrangeiros, e todos diferem visivelmente na epiderme. Esta dissimilitude representa um aspecto de grande transcendência” (BOLIVAR, 1970, p.93-94).

¹² A obra foi publicada em 1925 e suas ideias foram bastante difundidas na época. Sobre os índios, o pensador mexicano escreveu: “Os próprios índios puros já estão espanholizados, estão latinizados como está latinizado o ambiente” (1983, p.78).

sociedade. Temos, inclusive, um elogio ao conquistador do Chile, um guerreiro desses que “as raças produzem a cada tanto de tempo” (GUEVARA, 2005, p.125). Esse tipo de elogio é raro na obra, nos dando a impressão que na época ele havia lido alguma biografia sensacionalista.

No geral, o conceito de raça é aplicado aos indígenas. Em Cuzco, o autor fala em “raça dominante” tratando dos Incas. Refere-se também a raça Aymara e a raça Quéchua (GUEVARA, 2005, p.140 e 153). No museu da cidade, conhece um guia mestiço “de muita ciência e entusiasmo arrebatador pela raça cujo sangue levava”. Ele era uma verdadeira “peça” do museu, com a fé que possuía no futuro simbolizava “uma raça que permanece lutando pela sua individualidade” (GUEVARA, 2005, p.168).

Então, o conceito de raça serve para classificar grupos sociais, mais do que para reduzi-los aos aspectos biológicos. Verdade que ele fala mal da higiene indígena de modo geral ou que eles são sempre humildes e calados (GUEVARA, 2005, p.60 e 139). São mais impressões, a nosso ver, que a descrição de um caráter, como se apresenta no discurso científico do início do século XX.

Diferentemente ocorre com os negros. Ainda no Peru, os viajantes conheceram um negro que lhes parecia um assassino. Já em Caracas, onde a presença da “raça africana” é bastante notada, ele escreve que “os negros mantiveram sua pureza racial graças ao pouco apego que têm ao banho” (GUEVARA, 2005, p.203). E isso não é uma ironia, das inúmeras que estão presentes na obra. Ele compara os imigrantes lusitanos da Venezuela com os afrodescendentes, afirmando que:

O desprezo e a pobreza os une na luta cotidiana, porém o diferente modo de encarar a vida os separa completamente. O Negro é indolente e sonhador, gasta seus trocados em qualquer frivolidade ou aposta em brigas, enquanto o europeu tem uma tradição de trabalho e de poupança que o persegue até este rincão de América e o impulsiona a progredir, ainda que independente de suas próprias aspirações individuais (GUEVARA, 2005, p.205).

O caráter racial influencia o comportamento, está acima das vontades individuais. Aqui o jovem autor expressa o racismo predominante da época, especialmente difundido no discurso da medicina social e criminal.

Curiosamente, perto do final da viagem, ele evoca a “raça mestiça que desde o México até o estreito de Magalhães apresenta notáveis semelhanças etnográficas” (GUEVARA, 2005, p.196). A fala foi feita em um discurso para outros médicos que estavam em uma comunidade hansênica

da Venezuela. É possível que tal idéia venha sendo adotada durante o longo percurso. Mas encontramos igualmente na assertiva uma ênfase cultural e social.

Na obra, algumas interpretações sociológicas da realidade foram esboçadas, a exemplo da reflexão feita após cuidar de uma senhora idosa:

Ali, nestes últimos momentos da gente cujo horizonte mais longínquo foi sempre o dia de amanhã, é onde se capta a profunda tragédia que encerra a vida do proletariado de todo o mundo. Existe nesses olhos moribundos um submisso pedido de desculpas e também, muitas vezes, um desesperado pedido de consolo que se perde no vazio, como se perderá logo seu corpo na magnitude do mistério que nos rodeia. Até quando seguirá esta ordem das coisas, baseado em um absurdo sentido de casta, é algo que não está em mim responder. Contudo, já é hora dos governantes dedicarem menos tempo à propaganda da bondade de como governam e mais dinheiro, muitíssimo mais dinheiro, a difundir obras de utilidade social (GUEVARA, 2005, p.104).

A reflexão generaliza para o “todo o mundo” e não trata em particular da identidade latino-americana. Todavia, cremos que sua validade enquanto traço comum do continente é válido. Além disso, vemos o forte sentimento de misericórdia com os que sofrem, uma constante no *Diário*. Ele questiona as “castas” que dividem a sociedade nos diversos países e, ainda por cima, os governam. Os grupos antagônicos se enfrentarão um dia, sendo bem clara a opção do autor: “estarei com o povo...” (GUEVARA, 2005, p.208). Esse conflito seria um destino histórico?

O fardo histórico e o futuro

A frase citada acima está em uma parte da obra que não segue a seqüência cronológica da narrativa. Para dar um efeito de destino, relacionado com o futuro revolucionário, um diálogo foi posto para concluir a obra. Não se sabe ao certo quando ou onde ocorreu, mas parece interposto tempos depois. Ernesto registra suas idéias, que, basicamente, compõem um cenário da revolução popular futura. O comentário final do autor, a nosso ver, foi um acréscimo posterior, pois fala mais o guerrilheiro que o jovem viajante.

O fardo histórico colonialista, de qualquer modo, pode ser visto um elemento identitário latino-americano. Ele se revela especialmente diante dos monumentos do passado indígena.

O autor parece ter certo apreço pelos livros de história. Não são muitos os dados históricos contidos no *Diário*, mas em alguns momentos eles chegaram a buscar bibliotecas para se informar acerca do país que visitavam. Uma grande exceção ocorreu no caso da visita de

Cuzco, onde sua análise da situação dos índios foi diretamente confrontada com os dados históricos que coletou nos livros.

Fora incluído neste trecho um relato tratando do período pré-inca da cidade, acerca da conquista incaica e da posterior violência dos brancos espanhóis que, com “a sanha bestial da plebe vencedora”, não reconheceram a grande cultura incrustada nas pedras das fortalezas, dos palácios e dos templos (GUEVARA, 2005, p.152). Aquela cidade, antes o “umbigo do mundo”, era também uma síntese da América Latina, percebida enquanto camadas históricas superpostas: a primeira das heranças indígenas, a segunda marcada pela cultura barroca e a terceira exibindo aos turistas a glória do conquistador.

Ao visitar Machu Picchu, Ernesto demonstra estar muito bem informado, discutindo diversas teorias do “descobridor” daquelas ruínas, o arqueólogo norte-americano Bingham. Conforme o jovem autor, algumas interpretações do estudioso estariam um pouco “forçadas”, como a que relaciona três janelas com os três irmãos Ayllus da mitologia incaica.

Destaca-se nessa parte da narrativa, ainda, um exemplo do modo privilegiado pela dupla para conhecer a realidade. Ao depararem-se com um instrumento de tortura, Ernesto resolve encaixar seus braços na forma sugerida e Alberto pressiona um pouco para ver o que acontece. “A menor pressão provocava uma dor intolerável e a sensação de que seria destruído completamente se continuasse o impulso no peito” (GUEVARA, 2005, p.158). Esta forma testemunhal de conhecimento, que não deixa de estar relacionada com a criação da história¹³, demonstra a importância da experiência pessoal na elaboração de suas idéias. O autor buscava partir de si mesmo, não do que lia ou ouvia falar.

Mas nem tudo advém da experiência. O passado colonial, a forte divisão de classes, o descaso com a população mais simples, a ausência de estruturas mínimas de sobrevivência, o constante desprezo com os indígenas, tudo isso aponta também para um futuro comum. Sim, a dimensão histórica não remete somente ao passado. Se o Peru, por exemplo, não “saiu de seu estado feudal de colônia, ainda espera o sangue de uma verdadeira revolução emancipadora”

¹³ A palavra história na língua grega remete àquele que vê, que testemunha (HARTOG, 2001, p.51). Lembramos que Heródoto, o “pai da História”, foi um também um viajante que buscou os lugares onde ocorreram fatos importantes de sua civilização.

(GUEVARA, 2005, p.190)¹⁴. O trecho apostrofo ao final da obra expõe o partido tomado pelo jovem Ernesto: ele se coloca ao lado do “proletariado triunfante”.

Acelerar na estrada do Futuro

Voltemos ao discurso feito na colônia de hansênicos. Era aniversário do autor, quando completava seus vinte e quatro anos. Em meio aos agradecimentos pela boa acolhida e pela festa, ele comenta algumas impressões da aventura que a dupla argentina realizava:

...ainda que a fraqueza de nossas personalidades nos impeça de ser porta-vozes de sua causa, acreditamos, e depois desta viagem mais firmemente que antes, que a divisão da América em nacionalidades incertas e ilusórias é completamente fictícia. Constituímos uma só raça mestiça que desde o México até o estreito de Magalhães apresenta notáveis semelhanças... Brindo pelo Peru e pela América Unida (GUEVARA, 2005, p.196).

O desenvolvimento desta visão panamericana foi a questão principal estudada em nosso artigo. As nações são concebidas enquanto expressões artificiais dos interesses colonialistas e de seus representantes locais. Verdade que o discurso realizado ressalta mais a unidade do povo latino-americano do que faz uma crítica dessas elites. Mas através dos comentários realizados acerca da exuberante natureza, da caracterização da população e da percepção do atraso histórico, cremos que tal crítica começou a ser articulada intelectualmente.

Claro que não devemos exagerar, muito menos realizar uma leitura teleológica da obra. No início do *Diário*, como vimos, afirma-se a morte de quem o escreveu. Sabemos que aconteceu uma transição do estudante Ernesto para o revolucionário “Che” Guevara. Contudo, seria equivocado esquecer que tudo começou como uma simples aventura de motocicleta. Se a *Poderosa* deixou de acelerar, o personagem do livro passará para a tentativa de “acelerar” a história da humanidade. Afinal, como afirmara um exilado que conhecera na viagem: “O futuro é do povo e, pouco a pouco ou de um só golpe, irá conquistar o poder aqui e em toda a terra” (GUEVARA, 2005, p.207).

REFERÊNCIAS

¹⁴ Esse tipo de análise aproxima-se da “interpretação da realidade” realizada por MARIÁTEGUI (2004). Entretanto, não temos nenhuma prova evidente de que ‘Che’ Guevara o tenha lido quando estava no Peru.

- BOLIVAR, Simon. *Doctrina del libertador*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1970.
- CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in late twentieth century*. Cambridge: Harvard Press, 1997.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de historia de las religiones*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974.
- FRANSEN, Tim. *An anthology of early British motorcycle literature*. Essex: Dakar Books, 2009.
- GUEVARA, Ernesto Che. *América Latina – despertar de un continente*. Havana: Instituto Cubano del Libro, 2004
- GUEVARA, Ernesto. *Diarios de Motocicleta – Notas de un viaje por América Latina*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2005.
- GUEVARA, Ernesto. *Primeiras Viagens*. São Paulo: Editora Scritta, 1996.
- HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- KEROUAC, Jack. *On the road (Pé na estrada)*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1999.
- MARIÁTEGUI, José C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Santa Fé, Argentina: Kolectivo Editorial, 2004.
- PHILLIPS, Lily. *Blue jeans, black leather and a sneer: the iconography of the 1950's biker and its translation abroad*. International Journal of Motorcycle Studies (www.ijms.nova.edu), March, 2005, vol.1, num.1.
- PRATT, Mary L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- QUADROS, Eduardo G. Uma viagem sem destino: o conceito de liberdade em *Easy Rider*. Revista *Círculo de Giz*, 1, vol.1, ano 1, jun 2015, p.11-23.
- RIBEIRO, Antonio Souza. *A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira*. In: SANTOS, Boaventura dos (org.). *Globalização e Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- VASCONCELOS, José. Raça cósmica. In: GRACIA, Jorge J. E. e JAKSIC, Ivan. *Filosofia e identidade cultural en América Latina*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1983, pp.67-100.